
Semiótica do discurso filosófico: a palavra pensada, o ato de escrita e o sentido*

Eduardo Carlos Bianca Bittarⁱ

Resumo: Este artigo desenvolve, na perspectiva da semiótica francesa, uma análise do discurso filosófico, identificando no texto *filosófico* um *laboratório de ideias*. O artigo confere destaque à perspectiva teórica aberta pela *analyse du discours*, sem prescindir das contribuições advindas da *semiótica do conhecimento*, da *semiótica dos objetos* e da *sociosemiótica*. O pensamento é visto e discutido, ao longo da análise, enquanto *palavra pensada*, na medida da relação de intimidade que mantém com a linguagem. Na história da filosofia, não importa a tradição ou a linha de pensamento, a palavra é um ponto em comum dos sistemas filosóficos, pois permite operar a conversão do *sentido convencional* ao *sentido filosófico*. O discurso filosófico é também analisado por ser um *discurso constituinte* (*discours constituant*), exercido na base de uma *enunciação debruçada*, que opera generalizações através de conceitos, buscando o *efeito de verdade*. O *ato de pensamento* não se separa do *ato de escrita*, e ambos se inscrevem dentro de uma *comunidade discursiva*, dos *jogos polêmicos* e de *estereótipos* acerca da vida intelectual.

Palavras-chave: semiótica; discurso filosófico; sentido filosófico; ato de pensamento; ato de escrita.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.194592>.

ⁱ Professor Associado do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, membro titular do *Grupo de Pesquisas Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória* do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/ USP), membro da *International Association for Semiotic Studies (IASS/ AIS, 2022)* e da *Association Française de Sémiotique (AFS, 2022)*. Pesquisador N-2 do CNPq (2020-2023), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: edubittar@uol.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4693-8403>.

Introdução

O discurso filosófico, a instituição discursiva e o lugar do texto

Este artigo visa examinar, do ponto de vista da Semiótica, o discurso filosófico. Nesta abordagem, adotando-se a concepção de Dominique Maingueneau, o discurso filosófico será considerado *instituição discursiva* (*institution discursive*)¹. Em adição a isso, a análise semiótica do discurso filosófico irá procurar compreender o *ato de enunciação filosófica* como *exercício de discurso*. Ao abordar a prática filosófica enquanto *prática textual*, não se quer com isso operar uma *reductio* da filosofia à *textualidade*². O discurso filosófico é mais do que o conjunto de *textos* da história da filosofia³, mas a análise *textual* é um pressuposto da compreensão coerente da tradição formada pela semiótica francesa nas perspectivas greimasiana e pós-greimasiana. Para que essa empreitada seja possível, serão convocadas a interagir, ao longo da exposição, as análises advindas da *semiótica do conhecimento*⁴, da *semiótica dos objetos*⁵ e da *sociossemiótica*⁶. No interior desta análise, dar-se-á relevo à perspectiva teórica aberta pela *analyse du discours* em torno da tradição do *GradPhi* (*Groupe de recherche sur l'analyse du discours philosophique*), no *Collège de Philosophie*, e à carreira dos estudos de Frédéric Cossutta e de Dominique Maingueneau⁷.

Assim, quando a ênfase recai sobre as tarefas de análise do discurso filosófico — tendo-se no texto filosófico um verdadeiro laboratório de ideias (*laboratoire de pensées*)⁸ —, percebe-se que este disputa espaço com outros textos (jornalísticos, literários, científicos, etc.)⁹. Então, em primeiro lugar, torna-se relevante a pesquisa que procura identificar as características que são próprias e distinguem o *texto filosófico* dos demais. Mais ainda, em segundo lugar, o *texto filosófico* deve ser compreendido como capaz de agrupar uma diversidade de temas que são próprios da *filosofia*, sabendo-se que esta se espalha por suas segmentações internas — a saber, a *filosofia da linguagem*, a *filosofia moral*, a *filosofia do direito*, a *filosofia política*, a *lógica*, a *epistemologia*, entre outras — em correntes, linhas e gêneros discursivos.

¹ “Dans cet article nous aimerions développer une conception de la discursivité philosophique comme ‘institution discursive’ / “Neste artigo, gostaríamos de desenvolver uma concepção de discursividade filosófica como uma ‘instituição discursiva’” (MAINGUENEAU, 1995, p. 40, destaque no original, tradução nossa).

² Cf. Lhomme (2019, p. 102).

³ Cf. Maingueneau (2020, p. 201).

⁴ Cf. Badir (2010); Bordron (2011).

⁵ Cf. Fontanille (2017); Jeanneret (2007, p. 79-94); Klinkenberg (2018); Perusset (2020, p. 1-21).

⁶ Cf. Landowski (2012).

⁷ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 2-3).

⁸ Cf. Lhomme (2019, p. 103).

⁹ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 2-3).

Com a finalidade de abordar esse tema, o artigo está dividido em quatro partes: (i) na *Introdução (Semiótica, filosofia e discurso: um caminho cruzado)*, tratar-se-á de apontar para a análise semiótica do discurso filosófico e o caminho cruzado das pesquisas em *semiótica* e *filosofia*; (ii) no item 1 (*A palavra, a filosofia e os signos do pensamento*), tratar-se-á de analisar a relação entre a palavra e o sentido, para a produção do conceito filosófico; (iii) no item 2 (*A palavra, a filosofia e o ato de escrita*), tratar-se-á de analisar o *ato de escrita (acte d'écriture)* e a atividade da escrita filosófica, destacando-se o jogo polêmico dentro do qual o discurso filosófico se coloca; (iv) no item 3 (*A palavra, a filosofia e os objetos de escrita*), tratar-se-á de analisar como a dimensão simbólica marca a vida filosófica, e como a sociedade dos objetos sustenta a possibilidade de *práticas paratópicas (paratopie)* para a realização das atividades intelectuais, enquanto atividades que giram em torno da escrita e do universo da produção intelectual.

Semiótica, filosofia e discurso: um caminho cruzado

A análise do discurso torna possível um encontro sinérgico entre *semiótica* e *filosofia*. Há um curioso cruzamento de caminhos entre a *semiótica* e a *filosofia*. Aqui, a *filosofia* é tornada objeto de análise da *semiótica*, na medida em que se revela como uma modalidade de discurso: o *discurso filosófico*. Mas raramente se vê a *filosofia* ser tomada como objeto de análise, dado que, pelo contrário, o *discurso filosófico* costuma transformar o seu entorno em objeto de análise, uma vez que a *filosofia* é entendida como *ancilla scientiae*. Enquanto saber dos saberes, a *filosofia* sempre se encontrou num lugar hierárquico, em posição de hegemonia, em relação aos demais saberes¹⁰. Mas a compreensão semiótica da linguagem como estrutura — na leitura que é crítica do realismo e do idealismo, tal como ressaltada por Waldir Bevidas¹¹ — irá permitir a superação dessa postura, para destacar a *imanência da linguagem* em toda tarefa humana. Nesta medida, a *semiótica* forma uma *epistemologia discursiva*¹² capaz de analisar qualquer modalidade de discurso, incluindo-se o discurso filosófico.

Isso confirma a importância da *semiótica*, sem que implique um rebaixamento da *filosofia*, ao se definir como a *ciência do sentido* e, isto, a partir da análise da *linguagem* e do *discurso*, está em profunda conexão com uma *teoria do conhecimento*, como aliás destaca Sémir Badir¹³. Aliás, há diversos pontos em que a *semiótica* vem cada vez mais produzindo aproximações e se recostando na *filosofia*. Esse é o caso, por exemplo, da *semiótica da existência* — da forma como é desenvolvida por Eric Landowski —, na qual se registra uma genuína busca do

¹⁰ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 4).

¹¹ Cf. Bevidas (2020, p. 311).

¹² Cf. Bevidas (2020, p. 27).

¹³ Cf. Badir (2010, parágrafo 38).

sentido enquanto *sentido da vida* (*sens de la vie*); nela, o método é a análise semiótica, mas a questão de fundo é a mesma que sempre acompanhou as inquietações das reflexões filosóficas¹⁴. Assim, em tantos outros pontos de aproximação, a *semiótica* é considerada uma aliada e uma colaboradora da *filosofia*, na medida em que ambas partilham a tarefa de crítica da ideologia, na linha do que afirma Dominique Chateau¹⁵. Por conseguinte, o cruzamento de caminhos é de recíproco interesse, acrescentando novas perspectivas ao pensar que tem presente a *linguagem* como uma categoria central da vida humana.

1. A palavra, a filosofia e os signos do pensamento

1.1 A palavra: os signos do pensamento e o oráculo comum

O pensamento filosófico nada mais é do que o compromisso da linguagem com a razão; ele pode ser assim definido como o exercício da *palavra pensada*. Não é uma palavra qualquer, mas uma palavra forjada com base no trabalho intelectual — muitas vezes, não dissociado do trabalho de ensino —, uma palavra escandida e erguida na base da gramática comum, valendo-se da peculiaridade de um dicionário específico, o *dicionário filosófico*. Seguindo-se a trilha fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty¹⁶, a linguagem e o pensamento estão entremeados entre si. Dessa forma, os signos participam do processo de formulação de qualquer pensamento — como constata José Luiz Fiorin¹⁷ —, inclusive do pensamento filosófico. Da apreensão neoplatônica agostiniana à metódica moderna cartesiana, do idealismo kantiano do sujeito à dialética materialista marxista, do êxtase intuitivo espiritual ao empirismo baconiano, filósofos antigos e medievais, modernos e pós-modernos, assim como filósofos orientais e ocidentais, cristãos e marxistas, filósofas feministas e antirracistas, debruçaram-se no oráculo comum da palavra. A palavra é entendida, assim, como um ponto de encontro comum a todos(as) aqueles(as) que praticam o discurso filosófico.

Todos(as) tiveram as suas obras e os seus pensamentos constituídos no mundo da palavra, e, com isso, fecundaram tradições, linhas de pensamento e terminologizaram a história da filosofia, alterando as condições de compreensão do mundo. Nesse sentido, a função da(s) filosofia(s) é a de ampliar o nosso horizonte cognitivo. Ao praticar a ousadia de levantar o cobertor que envelopa a relação entre as palavras e as coisas, a filosofia relativiza a objetividade do entorno, dilui o senso comum e, por isso, *re-abre as fronteiras do sentido* para novas perspectivas de compreensão. Assim, as filosofias se tornaram formas

¹⁴ Cf. Landowski (2013, p. 13).

¹⁵ Cf. Chateau (2019, p. 106).

¹⁶ Cf. Merleau-Ponty (2018, p. 247).

¹⁷ “Não há pensamento fora dos sistemas de signos que utilizamos” (FIORIN, 2016a, p. 210).

significativas de inscrição da *palavra pensada* na história. Ao longo dos séculos, as filosofias se tornaram tão inventivas quanto incompreendidas, numa aventura histórica que registra uma dúlice tensão, qual seja: (i) de um lado, a tarefa de compreender; (ii) de outro lado, a tarefa de transformar. Mas, para que possa exercer as suas tarefas, os sistemas filosóficos têm necessariamente de se valer de um sistema linguístico, a língua (*langue*) — no sentido do *Cours* de Ferdinand de Saussure¹⁸.

1.2 A palavra, o ritual de conversão e a palavra pensada: o movimento do sentido

Na passagem da *langue* à *parole*, o uso filosófico das palavras implica uma verdadeira conversão, ou seja, uma passagem da *palavra* à *palavra pensada*. Aqui, há um movimento, uma passagem, do lugar da *palavra* ao lugar da *palavra pensada*. Adotando-se a linha de análise de Frédéric Cossutta e Dominique Maingueneau, pode-se dizer que isso ocorre em função de uma diferença fundamental que o discurso filosófico carrega em si: o fato de ser um *discurso constituinte* (*discours constituant*), e não um *discurso constituído*¹⁹. Através da língua, o *fazer* filosófico irá operar uma conversão, a conversão do sentido, que migra do *sentido convencional*, no uso dos vocábulos, para um *sentido filosófico*, no uso dos termos. Estes passam a assumir outro estatuto, o estatuto do *sentido filosófico*, e, com isso, a *palavra pensada* assume a dimensão do que é construído, elaborado, desenvolvido enquanto *outro-sentido* — que possui papel de *archéion* na vida social²⁰ —, com relação ao *sentido convencional* das palavras.

Nessa conversão, a palavra agora tem: (i) uma *potência*; (ii) um *peso*; (iii) um *pertencimento*. Isso porque, ao ser deslocada do interior do dicionário e mobilizada para o mundo do discurso filosófico — numa migração que irá registrar o longo percurso da *língua comum* (*langue commune*) à *língua dos filósofos* (*langue des philosophes*), e desta à *língua de um(a) único(a) filósofo(a)* (*langue d'un philosophe*), seguindo-se de perto a análise de Frédéric Cossutta²¹ —, a palavra irá ganhar: (i) uma *potência*, reveladora do *sentido filosófico*; (ii) um *peso*, enquanto densidade do *uso refletido da palavra*; (iii) um *pertencimento*, enquanto integração da palavra ao *corpus* de uma *obra filosófica*. Com isso, percebe-se o movimento do *sentido* e, com ele, o crescimento de abstração, a terminologização do vocabulário e a singularidade do pensamento contido nos

¹⁸ Cf. Saussure (1994, p. 30).

¹⁹ “*La prétention attachée au statut de discours constituant, c'est de fonder et de n'être pas fondé*” / “A reivindicação ligada ao *status* do discurso constituinte é para fundar e não para ser fundada” (MAINGUENEAU; COSSUTTA, 1995, p. 112, tradução nossa).

²⁰ “*Les discours constitutants mettent en œuvre une même fonction dans la production symbolique d'une société, une fonction que nous pourrions dire d'archéion*” / “Os discursos constituintes realizam a mesma função na produção simbólica de uma sociedade, função que poderíamos dizer de *archéion*” (MAINGUENEAU; COSSUTTA, 1995, p. 112, destaque no original, tradução nossa).

²¹ Cf. Cossutta (2020, p. 17).

diversos sistemas filosóficos²². Nesse sentido, há filosofias que se tornam indecifráveis, pela terminologia adotada; enfim, compreendê-las se torna um esforço de transposição de dificuldades e pode muito bem significar, para aquele(a) que as atravessa, o passe de entrada para uma *comunidade de exegetas*, funcionando como uma espécie de *pertencimento* a uma *igreja* de pensamento.

1.3 A palavra, a abstração e o conceito filosófico: o deslocamento do sentido

Num rumo de abstração crescente, a partir do uso filosófico das palavras, o pensamento elabora *conceitos filosóficos*. Estes figuram como sendo as categorias centrais de todo *texto filosófico*, aos quais se chega por *condensação*²³. Assim, além de serem *discursos constituintes* (*discours constitutants*), os *discursos filosóficos* não se apresentam sem que haja elaboração conceitual²⁴. Do ponto de vista semiótico, tendo-se por base a análise elaborada por Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés no *Dictionnaire* (1993), o *conceito* tem a ver com as *grandezas do significado* (*grandeurs du signifié*)²⁵, sendo compreendido como sinônimo de *denominação* (*dénomination*)²⁶. Tendo natureza abstrata e não-referencialista, os *conceitos filosóficos* funcionam como *operadores de generalização* (*opérateurs de généralisation*)²⁷, permitindo o acesso às dimensões mais profundas do pensamento, e correspondem a uma criação do espírito humano que possibilita a afirmação de posições filosóficas, oportunizando tanto a *inovação conceitual* quanto a *reprodução conceitual*, como bem identifica Jean-François Bordron²⁸.

Ao mesmo tempo em que o *conceito filosófico* se impõe, a partir deste *corpus*, ele somente faz sentido em seu interior. Os *conceitos filosóficos* são formulados como parte das doutrinas filosóficas e, portanto, delas se originam e acabam por identificá-las. A singularidade, a especificidade e a unicidade dos *conceitos filosóficos*, por vezes, fazem deles os *signos* dos próprios sistemas filosóficos, a exemplo do conceito de *contrato social* (*contrat social*) na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, do conceito de *desconstrução* (*déconstruction*) na filosofia de Jacques Derrida, do conceito de *razão pura* (*reinen Vernunft*) em Immanuel Kant, ou ainda, do conceito de *esfera pública* (*Öffentlichkeit*) na filosofia de Jürgen Habermas. Para estes sistemas filosóficos, respectivamente,

²² Cf. Cossutta (2020, p. 21).

²³ Cf. Maingueneau (2020, p. 215).

²⁴ Cf. Cossutta (2020, p. 19).

²⁵ Cf. Greimas; Courtés (1993, p. 57) verbete *concept*.

²⁶ Cf. Greimas; Courtés (1993, p. 57), verbete *concept*.

²⁷ “Certes le concept est un opérateur de généralisation, un facteur d’abstraction, au moins sous sa forme dominante dans l’histoire de la philosophie”/ “Certamente o conceito é um operador de generalização, um fator de abstração, pelo menos em sua forma dominante na história da filosofia” (COSSUTTA, 2020, p. 18, destaque no original, tradução nossa).

²⁸ Cf. Bordron (2020, p. 81).

o contratualismo, a desconstrução, o idealismo e a teoria do discurso, os *conceitos filosóficos* acima referidos acabam por formar a base através da qual os discursos filosóficos se afirmam como expressões de *narratividade* (*narrativité*)²⁹.

1.4 A palavra, o texto e o arquivo: a documentalização do sentido

Os sistemas filosóficos se formam, se fixam e se transmitem na relação do estabelecimento de uma *gramática interna*, que os configura e distingue. A primeira tarefa de todo sistema filosófico é, nesse sentido, a consciência de sua presença *textual* na linha da história da filosofia. É por isso que, para Dominique Maingueneau, é de decisiva importância o conceito de *enceinte philosophique*³⁰, que se refere a uma *totalidade imaginária* (*totalité imaginaire*) que integra os *textos filosóficos*, conceito a partir do qual é possível se referir a um conjunto de práticas filosóficas devidamente situadas, considerando-as reversivamente voltadas umas para as outras. É na *enceinte philosophique* que se estabelecem as novas tradições filosóficas, e é também nela que se encontram em diálogo os debates filosóficos. Por isso, para a história da filosofia, o lugar do *texto filosófico* é de extrema importância. Isso porque o *texto filosófico* não somente fixa o lugar de uma doutrina filosófica, mas também sobrevive à própria vida do(a) filósofo(a) que a engendrou.

Nesse sentido, o valor do *texto filosófico* é o de uma correia de transmissão, na medida em que estabelece as condições de passagem das ideias filosóficas entre gerações. O *texto filosófico* guarda, protege e encripta as ideias, permitindo a preservação, a compreensão e a transmissão dos *conceitos filosóficos*. Não haveria uma história da filosofia sem um conjunto de *textos filosóficos*. A memória filosófica da humanidade está preservada no acervo da totalidade dos *textos filosóficos* recolhidos ao longo de milênios, da antiga China à antiga Babilônia, da antiga Grécia à antiga Israel, da Europa Medieval à Idade Moderna, e desta aos dias atuais. Assim, pode-se perceber que o *discurso filosófico* comporta, segundo Dominique Maingueneau, três dimensões: (i) uma *rede de aparelhos* (*réseau d'appareils*); (ii) um *campo* (*champ*); (iii) um *arquivo* (*archive*)³¹.

Nesse sentido, a história da filosofia pode ser revista como um imenso *corpus* de *textos filosóficos*, que formam o *Thesaurus*³², dentro do qual se

²⁹ Cf. Bordron (1985, p. 4).

³⁰ “Multipliant les relations entre les textes qu'ils enferment, ils présupposent et contribuent à faire exister ce qu'on pourrait appeler l'enceinte philosophique, *totalité imaginaire qui intègre plus de vingt-cinq siècles d'élaborations conceptuelles et les communautés qui les rendent possibles.*” / “Multiplicando as relações entre os textos que encerram, pressupõem e contribuem para fazer existir o que poderíamos chamar de *enceinte philosophique*, totalidade imaginária que integra mais de vinte e cinco séculos de elaboração conceitual e as comunidades que os tornam possíveis” (MAINGUENEAU, 2020, p. 204, tradução nossa).

³¹ Cf. Maingueneau (2020, p. 201-202).

³² Cf. Maingueneau (2019, p. 44).

distinguem nomes — dos mais obscuros aos mais notáveis — da *história da filosofia*: Sócrates; Aristóteles; Cícero; Santo Agostinho; René Descartes; Jean-Jacques Rousseau; Jean-Paul Sartre; Paul Ricœur; Hannah Arendt; Simone de Beauvoir; Nancy Fraser; Angela Davis; Jürgen Habermas; Axel Honneth. O *Thesaurus* registra *tradições filosóficas* as mais diversas (idealismo; empirismo; racionalismo; fenomenologia; hermenêutica; teoria crítica; materialismo) que se expressam por meio de *gêneros discursivos* (diálogo; carta; enciclopédia; livro didático; artigo; ensaio; aforismo; dicionário).

As tradições filosóficas são, do ponto de vista semiótico, *cadeias de textos*. Essas *cadeias de textos* formam uma relação de pertencimento, estabelecendo uma relação entre *texto-origem*, que funciona como *texto-fundador*, e os *textos-derivados*, que remetem a uma fonte irradiadora e a uma linha de interpretação do mundo. A *intertextualidade*, a coerência *metodológica* e a manutenção de um mesmo *ponto de vista* são as suas características comuns. Este acervo aponta para os vastos *arquivos da filosofia* (*archives de la philosophie*)³³. De toda forma, não obstante toda doutrina filosófica ter o seu *peso* no exercício da palavra, apenas alguns sistemas filosóficos conseguem, em meio aos *arquivos da filosofia*, transcender a sua época; em meio a uma totalidade de *textos* de um período, podem-se chamar de *documentos filosóficos* apenas aqueles *textos* que marcam e definem uma época. Para o século XVIII, a *Crítica da razão pura* (1781) de Immanuel Kant, e, para o século XIX, *O Manifesto Comunista* (1848) de Karl Marx são obras que possuem essa qualidade distintiva. Na mesma medida, a *Dialética do Esclarecimento* (1947) de Theodor Adorno e Max Horkheimer, para o século XX, marca e registra um tempo.

1.5 A palavra, a verdade e o discurso filosófico: a debreagem objetivante

A palavra tem um enorme valor para todo sistema filosófico. Nesse sentido, não há discurso filosófico sem palavra. Mas, para que a palavra seja invocada, a *enunciação discursiva* é a tarefa preliminar de toda atividade discursiva. É nessa medida que o discurso filosófico se equivale ao discurso científico, uma vez que possui pretensão de objetividade, universalidade e neutralidade³⁴. É isso que consente que se pense na figura do *sujeito epistêmico*, na linha de análise de Jean-Claude Coquet³⁵. Aliás, o primeiro dos compromissos da *filosofia* é com a verdade e, nesse sentido, a busca da verdade convoca o discurso a uma atividade enunciativa própria das tarefas objetivantes, muitas vezes, acreditadas na base da credibilidade, da legitimidade e da autoridade das instituições acadêmicas.

³³ Cf. Maingueneau (2020, p. 202).

³⁴ “A história contemporânea ensinou-nos a desembaraçarmo-nos da ideia tranquilizadora de que a ciência sustenta um discurso objetivo” (COQUET, 2013, p. 162).

³⁵ Cf. Coquet (2013, p. 165).

Assim, o discurso filosófico se coloca enunciativamente no mundo dos *textos filosóficos*. Ao *enunciar*, também *anuncia*. Para isso, todo *sujeito epistêmico* se coloca na linha de um percurso em busca da verdade, em busca do sentido, dentro de um esforço de construção que devassa a solidão da pesquisa e a dificuldade³⁶ da construção do *discurso filosófico*³⁷. Nesses termos, o *texto filosófico* é tecido, tramado e construído na base de *modalizações epistêmicas* (*modalisations épistémiques*)³⁸, para produzir um *efeito de sentido* (*effet de sens*) de *verdade* (*vérité*)³⁹ em processos veridictórios. Para isso, ao fazer-se *palavra pública*, o discurso filosófico é enunciado através da *objetividade debreada* de sua configuração textual⁴⁰. Assim, as verdades filosóficas são tão relativas quanto os pressupostos metodológicos de todos os sistemas filosóficos; desde dentro, os conceitos se conectam entre si, formando um sistema fechado, mas, desde fora, os *conceitos filosóficos* podem ser criticados e contestados a partir de outras premissas teórico-metodológicas. Ainda assim, as filosofias tomadas como pontos de referência dos debates acadêmicos, das disputas culturais, das lutas políticas acabam sinalizando para balizas que confirmam a visão segundo a qual a vida social se configura marcada por um contínuo espaço de disputas discursivas por hegemonias narrativas na esfera pública.

2. A palavra, a filosofia e o ato de escrita

2.1 O ato de escrita, o ato de pensamento e a escrita filosófica

O *ato de escrita* (*acte d'écriture*) tem função constitutiva para todo *discurso filosófico*. Não por outro motivo, Maurice Merleau-Ponty irá afirmar: "O pensamento não é nada de *'interior'*, ele não existe fora do mundo e fora das palavras"⁴¹. Tendo-se isto presente é que se poderá afirmar — tanto na perspectiva de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés⁴² quanto na perspectiva de Jean-Marie Klinkenberg⁴³ — a noção de *ato de escrita* (*acte d'écriture*) como definidora de um campo de significação de importância decisiva para as *práticas da escrita*. Aliás, todo(a) escritor(a) está envolvido por esta mítica da *parole démiurgique*, como aponta Roland Barthes⁴⁴. Isso porque o *texto filosófico* é mais

³⁶ "O sujeito epistêmico deve 'amar a dificuldade'" (COQUET, 2013, p. 164).

³⁷ Cf. Coquet (2013, p. 168).

³⁸ Cf. Greimas ; Courtés (1993, p. 130), verbete *épistémiques*.

³⁹ Cf. Greimas ; Courtés (1993, p. 116), verbete *effet de sens*.

⁴⁰ Cf. Fiorin (2016b, p. 39).

⁴¹ Cf. Merleau-Ponty (2018, p. 249).

⁴² Cf. Greimas ; Courtés (1993, p. 115), verbete *écriture*.

⁴³ "*L'écriture est un dispositif pluricodique ayant vocation à un usage général au sein d'une communauté humaine située [...]*" / "A escrita é um dispositivo multi código destinado ao uso geral dentro de uma comunidade humana localizada [...]" (KLINKENBERG, 2018, p. 17, tradução nossa).

⁴⁴ Cf. Barthes (1957, p. 33).

do que o encontro do(a) filósofo(a) com o papel, pois é o *momentum* de constituição verbal de uma doutrina filosófica. Quando se *escreve* algo, em verdade, se *inscreve* algo no mundo. Isso é tão importante enquanto constatação quanto é central para a constituição de uma doutrina filosófica, porque não há obra filosófica sem que ela esteja plenamente identificada com o caráter autoral de uma obra (*oeuvre*), o que implica a singularidade do *estilo*, ou do *idioleto*, desenvolvido por um(a) autor(a)⁴⁵.

Assim, é através de sua obra que o(a) filósofo(a) *faz-saber* (*faire-savoir*) o conteúdo de sua doutrina filosófica. Com esse movimento, o(a) filósofo(a) se torna um(a) escritor(a), fenômeno que se acentuará ainda mais após a invenção da imprensa⁴⁶. A tarefa de *escrita filosófica* rompe com o silêncio e produz a distância do segredo; torna-se, por essa forma, um *dizer público*. A partir daí, ao sobreviver ao(à) criador(a), a obra *faz-falar* de modo independente à existência do *sujeito epistêmico*. A obra filosófica poderá, então, enquanto conjunto de *textos filosóficos*, criar sobrevida e superar o perecimento; se a vida é breve — *ars longa vita brevis* —, é necessário que o saber seja estabilizado de forma a se perpetuar para a posteridade. Assim, a *opus philosophica* contém os *textos filosóficos* e preserva a *memória*, para perpetuar o saber nela contido.

Mas, não há que se compreender o *ato de pensamento* (*acte de pensée*) desconectado do *ato de escrita* (*acte d'écriture*). A atividade do(a) filósofo(a) é de dupla natureza: o *ato de pensamento* (*acte de pensée*), por meio do qual coleciona, elabora, conceitualiza e sistematiza uma doutrina de ideias; o *ato de escrita* (*acte d'écriture*), por meio do qual registra, resguarda, expressa e, posteriormente, publiciza uma doutrina de ideias. A vida do(a) filósofo(a) se inscreve, assim, enquanto *actante discursivo* de um percurso em busca do *sentido*, na cesura entre o *pensamento* (*pensée*) e a *escrita* (*acte d'écriture*). É enquanto errante na imensa planície do *sentido* que sua procura desemboca numa fusão íntima entre vida (*vie*) e obra (*oeuvre*), tomando-as como dimensões que não se separam, como demonstram as análises empreendidas por Frédéric Cossutta e Dominique Maingueneau⁴⁷.

2.2 O ato de escrita, o discurso público e a retórica filosófica

O *ato de escrita* (*acte d'écriture*) confere gramatura aos *textos filosóficos*. Estes formam o componente intermediário entre *atores discursivos*⁴⁸ destinadores (D^{or} — autores) e destinatários (D^{ário} — leitores) de doutrinas filosóficas. Se estes contêm os sistemas filosóficos, deve-se notar que as doutrinas nada mais são do que um conjunto de argumentos, conceitos e

⁴⁵ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 9).

⁴⁶ Cf. Bobbio (1997, p. 120).

⁴⁷ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 9).

⁴⁸ Cf. Lhomme (2019, p. 103).

interpretações que, pela *enunciação discursiva*, acabam por construir visões de mundo específicas, que se dirigem a uma busca de legitimidade frente a um auditório universal. Nos termos de Chaïm Perelman, pode-se com toda clareza constatar que o modo de agir do discurso filosófico é, portanto, o *convencimento*, pois se dirige a um auditório universal⁴⁹.

O *convencimento* corresponde à arte retórica de gerar a adesão às premissas do pensamento filosófico, algo que depende da publicidade da doutrina filosófica, e, também, da capacidade de comunicação e da qualidade dos argumentos filosóficos⁵⁰. A retórica filosófica mobiliza a ideia, a metodologia, o conceito, o argumento, oportunizando, com isso, a estruturação das condições do pensar público. Por isso, o pensar filosófico somente se estabelece no *interdiscurso* (*interdiscours*), dependendo sempre de uma situação interactancial para se construir enquanto discurso filosófico⁵¹. Assim, do *ato de escrita* (*acte d'écriture*) ao discurso filosófico há uma longa jornada, muitas vezes atravessada por dissensos e debates, inquirições e dúvidas, que apenas fortalecem o programa discursivo, na adjuvância e na oponência, no hiato de realização de seu percurso epistêmico.

2.3 O ato de escrita, a comunidade discursiva e o jogo polêmico

Entre acordos e dissensos, entre elogios e críticas, entre aproximações e desaproximações, o(a) intelectual estabelece o lugar de seu discurso no controverso universo de uma *comunidade discursiva* (*communauté discursive*), para seguir de perto a reflexão de Dominique Maingueneau⁵². Em meio às polêmicas de seu tempo e, também, de territórios conceituais, das divergências ideológicas, das querelas institucionais, os(as) intelectuais, de forma geral, e, além destes, de forma particular, os(as) filósofos(as), acabam por se localizar num universo de disputas que são próprias do universo do *interdiscurso* (*interdiscours*), tendo de, constantemente, expressar posicionamentos (*positionnements*)⁵³. O *ato de escrita* (*acte d'écriture*) se torna, desse modo, mais do que um ato de afirmação de uma doutrina filosófica, pois, ao se estabelecer num *regime adversativo* (*régime adversatif*), tem de ser competente também na desconstrução da posição de um(a) adversário(a)⁵⁴.

⁴⁹ Cf. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2019, p. 31).

⁵⁰ Cf. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2019, p. 3).

⁵¹ Cf. Lhomme (2019, p. 107).

⁵² “*Dans le domaine de l'analyse du discours j'ai pour ma part introduit le concept de communauté discursive [...]*” / “No campo da análise do discurso, de minha parte, introduzi o conceito de *comunidade discursiva* [...]” (MAINGUENEAU, 1995, p. 45, destaque no original, tradução nossa).

⁵³ Cf. Maingueneau (1995, p. 45).

⁵⁴ Cf. Bordron (2020, p. 94).

Dentro de uma *comunidade filosófica (communauté philosophique)*⁵⁵, o *jogo polêmico* envolve, portanto, a construção das doutrinas filosóficas, de modo implícito ou de modo explícito⁵⁶. Assim, a vida intelectual pode estar atravessada pelos encontros e desencontros das amizades intelectuais, como testemunha a ruptura de elos entre Jean-Paul Sartre e Raymond Aron⁵⁷, bem como entre aquele e Albert Camus⁵⁸ e, em seguida, com Maurice Merleau-Ponty⁵⁹. A vida intelectual também pode tornar o(a) intelectual uma vítima do discurso de ódio e do antissemitismo, como ocorreu a Zygmunt Bauman quando a Polônia o tornou apátrida em 1968⁶⁰. Tal como menciona Roland Barthes — no ensaio *Écritures Politiques*, em *Le degré zéro de l'écriture* —, isso é especialmente válido para o *intellectuel engagé*, que exerce o *acte d'écriture politique*⁶¹.

2.4 O ato de escrita, a interpretação e a intervenção n(d)a realidade

Pode-se dizer que o(a) filósofo(a) exerce o papel de um intérprete do *mundo da vida*, seguindo-se de perto o modo como o(a) enxerga Jürgen Habermas⁶². Essa é uma tese de cunho filosófico que indica os rumos do próprio *fazer* filosófico. Mas, ela não é unânime, porque essa posição se confronta com outra tese, a de Karl Marx, segundo a qual os filósofos devem transformar o mundo. De um lado, o compreender e o interpretar atendem a uma dimensão do *poder-saber*. De outro lado, o transformar e o fazer a história atendem a uma dimensão do *poder-fazer*. De toda forma, é na auscultação da esfera pública e de suas transformações que a filosofia se faz capaz de gerar deslocamentos de *sentido*. Isso porque o discurso filosófico pode afetar consciências, transformar mentalidades, deslocar conceitos, podendo provocar pequenas fissuras nos padrões do *sentido convencional*. Assim, a linguagem não apenas descreve, mas também transforma, como aponta Jacques Fontanille⁶³.

O que se percebe é que a tarefa de produção teórica de sistemas filosóficos atua no campo do *sentido*, podendo provocar bruscas fissuras no *terreno sólido, plano e unívoco* das *coisas como elas são*. Com isso, percebe-se que a tarefa dos(as) filósofos(as) é a de operar um trânsito constante entre três dimensões:

⁵⁵ Cf. Maingueneau (2020, p. 205).

⁵⁶ Cf. Maingueneau (2020, p. 202).

⁵⁷ Cf. Dosse (2021, p. 130).

⁵⁸ Cf. Dosse (2021, p. 139).

⁵⁹ Cf. Dosse (2021, p. 154).

⁶⁰ Cf. Wagner (2020, p. 356).

⁶¹ Cf. Barthes (1972, p. 23).

⁶² “Assim, a filosofia poderia atualizar sua relação com a totalidade em seu papel de intérprete voltado para o mundo da vida” (HABERMAS, 1989, p. 33).

⁶³ Cf. Fontanille (2015, p. 267-268).

(i) a dimensão simbólica das ideias⁶⁴; (ii) a dimensão polêmica dos discursos filosóficos; (iii) a dimensão concreta da realidade. Aqui, a linguagem não é apenas veículo ou meio de comunicação, mas, em verdade, o próprio fio da meada que permite pensar e operar a correlação estreita e imbricada entre essas três dimensões⁶⁵. Para operar com os desníveis dessas dimensões, é necessário catalisar forças que permitem convergências niveladoras. De toda forma, a mobilização das ideias e a retórica filosófica se destinam a auditórios os mais variados e não são atividades sem efeitos concretos na vida social⁶⁶. Muitas vezes, ao longo da história da filosofia, as ideias filosóficas moldaram horizontes culturais, definiram práticas sociais, orientaram sistemas políticos, forneceram combustível para revoluções e transformaram a vida social. Não por outro motivo, os *philosophes* e os *hommes de lettres* do século XVIII funcionaram como as figuras de inspiração para toda a ideia que se tem do papel dos intelectuais⁶⁷.

2.5 O ato de escrita, as ideologias e as intempéries políticas

O ato de escrita (*acte d'écriture*) inscreve ranhuras e deixa marcas (positivas ou negativas) que se fazem sentir, na vida comum, negando-se, com isso, a ideia de que palavras funcionam apenas como *flatus vocis*. Aqui, fica claro que o *fazer-saber* do(a) filósofo(a) é uma modalidade de *fazer* intelectual, e, como sói ocorrer, o(a) intelectual é portador(a) de uma visão de mundo, que pode ser justificadora dos poderes de sua época, ou ainda, pode ser contestadora e transformadora da vida social. A própria etimologia e a concepção moderna a respeito da figura do(a) intelectual — sabendo-se que as leituras simétricas de Peter Burke⁶⁸ e Norberto Bobbio⁶⁹ apontam para a origem do termo em *intelligentsia*, na língua russa — deixam entender que o(a) intelectual exerce um papel de responsabilidade social em torno de sua escrita e de seu discurso. Assim, a escrita filosófica pode ser suave e tranquilizante, tanto quanto pode ser cáustica e inflamável, sendo capaz de incendiar o debate público.

Assim, percebe-se que os deslocamentos de *sentido* provocados pelo discurso filosófico convergem ou divergem quando o tema são as questões políticas, históricas e a(s) ideologia(s) de um tempo. Por vezes, a(s) ideologia(s)

⁶⁴ “[...] um intelectual, isto é, alguém que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho não são máquinas, mas ideias” (BOBBIO, 1997, p. 68).

⁶⁵ Cf. Maingueneau (1995, p. 57).

⁶⁶ Cf. Maingueneau (2019, p. 48).

⁶⁷ “Já se disse repetidas vezes que o precedente mais convincente dos intelectuais de hoje são os *philosophes* do século XVIII” (BOBBIO, 1997, p. 120).

⁶⁸ “Diz-se frequentemente que os intelectuais só surgiram em meados do século XIX na Rússia, quando a palavra *intelligentsia* foi cunhada para referir-se aos homens de letras que não queriam ou não conseguiam encontrar posições na burocracia” (BURKE, 2003, p. 25, destaque no original).

⁶⁹ “[...] procura-se quase sempre associá-lo ao russo *intelligentsia* [...]” (BOBBIO, 1997, p. 121, destaque no original).

somente sobrevivem por obra e arte dos(as) intelectuais, sabendo-se que, muitas vezes, são convidados(as) a interagir com a(s) ideologia(s) de época⁷⁰. Ao agirem discursivamente na história, os(as) intelectuais são atravessados(as) pelas intempéries políticas da história, na medida em que despertam a suspeita do(s) detentor(es) do(s) poder(es) à sua época. Extraíndo exemplos da história da filosofia, não se pode esquecer que Sócrates foi condenado por Atenas, à qual dedicou a sua vida, que Aristóteles foi perseguido pelo partido anti-Macedônia, que Sêneca foi forçado ao suicídio por Roma ou, ainda, que Antonio Gramsci escreveu parte de sua obra no cárcere, na Itália, e que Walter Benjamin teve de se suicidar na fronteira dos Pirineus, quando foi cercado por nazistas. Assim, o contexto histórico pode atravessar a obra filosófica, e vice-versa⁷¹. Nesse sentido, em Paris, a resistência à ocupação nazista está para o papel que Jean-Paul Sartre haverá de desempenhar com a filosofia existencial⁷² tanto quanto o Maio de 68 está para os debates da *Escola de Frankfurt*, em especial para o protagonismo de Herbert Marcuse, na Alemanha. A imagem abaixo retrata com toda a potência essa ideia, esse ideal e esse atravessamento, que lança o(a) filósofo(a) no debate público, nos movimentos das ruas e nas disputas de seu tempo histórico:

Figura 1: Jean-Paul Sartre e Michel Foucault participam de manifestações de rua em maio de 1968.



Fonte: Aime (1971).

Nesse momento, entra em cena uma relação problemática e complexa, que envolve o *jogo da verdade*, o *jogo midiático da encenação*, os *estereótipos sociais* e a *imagem pública* dos intelectuais. Numa guerra (ideológica, política, simbólica), há poucos escrúpulos na condução das disputas, fenômeno que perverte a possibilidade de qualquer debate respeitável. As coisas simplesmente escorregam para o campo da *beligerância narrativa*. Em meio às disputas mundanas e aos

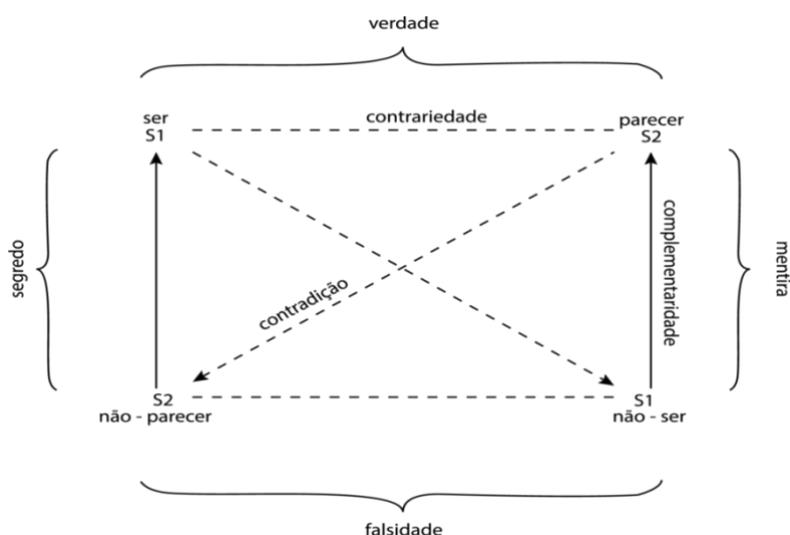
⁷⁰ Cf. Bobbio (1997, p. 73).

⁷¹ Cf. Maingueneau (1995, p. 46).

⁷² Cf. Maingueneau (1995, p. 47).

jogos de verdade — que quase nunca se reduzem a disputas *sobre* o *sentido*, mas se tornam disputas que passam *pelo* *sentido* —, o valor simbólico do(a) intelectual pode ser colocado a prêmio, especialmente quando se mobilizam narrativas de desqualificação, em argumentos *ad personam*. Se, a princípio, o compromisso do programa de pesquisa do(a) intelectual está voltado para a busca da *verdade*, a lógica do quadrado semiótico pode ser percorrida às avessas⁷³, para que se favoreçam as distorções de *imagem pública* e a percepção *manipulada* do(a) intelectual. A figura abaixo apresenta o quadrado semiótico:

Figura 2: Quadrado semiótico acerca das relações entre verdade x falsidade⁷⁴.



Fonte: Greimas; Courtés (1993, p. 419).

No *jogo da verdade* (*jeu de la vérité*)⁷⁵, o meta-modelo da atividade intelectual é o da *verdade* (ser = parecer), e o estereótipo do *sábio* se localiza nessa posição, pois a sua função é cumprida pela disseminação do conhecimento como *verdade*. Mas ele pode escorregar para o estereótipo do *mentiroso* (parecer = não ser), do *falsificador* (não-parecer = não-ser) e do *guardador de segredos* (não-parecer = ser). Nas narrativas adversárias de desqualificação, a exemplo do que ocorreu com a filósofa Simone de Beauvoir, por ocasião do lançamento de *O segundo sexo* (1949) — livro que contém uma defesa dos direitos das mulheres — em razão do conteúdo da obra, ela teve de enfrentar o ataque, o escárnio, a crítica e a dureza de uma opinião pública que lhe é adversa, que faz dela uma inimiga da religião, da família e da tradição⁷⁶. Também, a exemplo do ativismo da filósofa feminista e antirracista Angela Davis, que deixa um forte testemunho de

⁷³ “O quadrado semiótico é feito para ser percorrido: o sistema de valores que ele propõe pode esboçar as principais fases de uma narrativa mínima” (FONTANILLE, 2015, p. 66).

⁷⁴ Cf. Greimas; Courtés (1993, p. 419), verbete *véridictories*.

⁷⁵ Cf. Greimas; Courtés (1993, p. 419), verbete *véridictories*.

⁷⁶ Cf. Dosse (2021, p. 161-170).

envolvimento com as causas emancipatórias de seu tempo, o processo é similar, sendo venerada por muitos(as), mas igualmente rejeitada por muitos(as), como se pode verificar na imagem abaixo:

Figura 3: Angela Davis discursa nas ruas, em Birmingham (Alabama, EUA).



Fonte: Bettmann (1974).

3. A palavra, a filosofia e os objetos de escrita

3.1 A oficina de ideias, a dimensão simbólica e o sentido filosófico

A capacidade de trânsito do(a) filósofo(a) entre as dimensões simbólica (ideias), polêmica (interdiscursividade) e concreta (realidade) implica um profundo compromisso da *palavra pensada*. No percurso do *sujeito epistêmico*, o *objeto de valor* (Ov) a ser perseguido passa a integrar uma atividade de dedicação à pesquisa, da qual emergirá a *doutrina filosófica*⁷⁷. Esse percurso poderá se realizar até mesmo com total entrega, implicando alta cota de sacrifício biográfico. Mas, se o amor, como paixão, move o(a) filósofo(a) em direção à sabedoria, não há como exercer a tarefa contida nos objetivos deste percurso sem se dissociar do *sentido convencional* das coisas. O amor à sabedoria implica uma dissociação da vida ordinária. Essa dissociação pode estar acompanhada de uma associação a uma *comunidade discursiva*, ou não, pois se conhecem exemplos de filósofos(as) que nunca se *encaixaram*. De toda forma, ao se dissociar para exercer o *ato de cognição*, acaba por não voltar a ser assimilado(a) novamente pela vida ordinária, à qual renunciou por negação a um convívio simplista com o *sentido convencional* das coisas. A *procura* liberta um estado de

⁷⁷ “Cabe-lhe romper com os conhecimentos familiares e afirmar com audácia sua solidão; começando por denunciar ‘a entente dos espíritos’ (RA, 49), contrato implícito de toda comunidade científica” (COQUET, 2013, p. 163).

inquietação contínua, que funciona como motor do percurso, mas que atua também como fator de dissociação da vida ordinária.

Neste processo de dissociação, o(a) filósofo(a) passa a *habitar* o mundo do pensamento. Se o mundo do pensamento é o do *sentido filosófico*, o(a) filósofo(a) *habita* este *lugar-outra*, o mundo do *sentido filosófico* (em separado), enquanto *desabita* o *mundo da vida* (*Lebenswelt*). Mas, este *des-abitar* do *mundo da vida* é um ato paradoxal, na medida em que *des-abita* para poder *re-abitar*. Do mundo do *sentido filosófico* são extraídos os *conceitos filosóficos*, sabendo-se que o seu uso poderá implicar na transformação do *sentido convencional*; então, ao *des-abitar*, amplia o seu compromisso com o *re-abitar*, mas, agora, de outra forma. Isso porque nenhum movimento no mundo do *sentido filosófico* visa senão a *re-pensar* o *mundo da vida*, conferindo-lhe *sentido*. Assim, o *sentido filosófico* desarticula o *mundo da vida* para rearticulá-lo no mundo do *sentido filosófico*. Há, então, um *des-abitar* e um *re-abitar*, algo que faz parte do movimento do(a) filósofo(a), tomado(a) agora como corpo dividido entre dimensões.

Para exercer o seu *fazer-saber*, o(a) filósofo(a) pode falar a partir de quadros institucionais (universidades; colégios; entidades; associações; sindicatos; revistas; jornais), ou para-institucionais, mobilizando um *saber-fazer* (*savoir-faire*) de caráter discursivo. Diferentemente do que ocorre com outras dimensões da vida do trabalho — para as quais a fábrica, o escritório, o campo são os lugares de exercício regular do trabalho —, o(a) filósofo(a) opera na *oficina de ideias*. Mas, ela não está divorciada de seu corpo, pois ela se aloja no seu cérebro. O *ato de pensamento* se desloca em direção ao *ato de escrita*, na tarefa de passagem do cérebro às mãos. Assim, o(a) filósofo(a), antes da enunciação do discurso filosófico, exerce a tarefa de metabolizar a vida filosófica em sua oficina corporal-mental das ideias. De toda forma, em seu percurso intelectual, a afirmação de seu pensamento, que parte de uma *oficina de ideias*, instaura-se a partir de um programa de pesquisa, através do qual irá buscar realizar a *recherche philosophique*, que agora se afigura como *démarche*⁷⁸.

Do ponto de vista semiótico, a busca do(a) filósofo(a) de conexão com o *conceito filosófico* pode se expressar na forma de uma relação de conjunção (\cap) ou disjunção (\cup) com a *descoberta filosófica* (Ov)⁷⁹. Assim, o percurso será de vitória (\cap) ou de derrota (\cup), conforme haja apropriação ou desapropriação do *objeto-de-valor* (Ov), sabendo-se que para o *sujeito epistêmico*, enquanto actante discursivo, a derrota nunca é completa, pois o próprio percurso metodológico deixa rastros importantes para toda a *comunidade discursiva e científica* à qual pertence⁸⁰. Ademais, numa perspectiva *sociosemiótica*, da forma

⁷⁸ “Do mesmo modo, esse tipo particular de herói discursivo não precisa ou não precisa mais temer a derrota completa” (Coquet, 2013, p. 172).

⁷⁹ Cf. Greimas; Courtés (1993, p. 61), verbete *Conjonction*.

⁸⁰ Cf. Coquet (2013, p. 174).

como a elabora Eric Landowski, isso significa que, no geral, os(as) intelectuais são *lidos(as)* como uma *classe à parte* (sem sê-lo, em verdade)⁸¹. No geral, os(as) intelectuais têm pouco do estilo de vida *esnobe* (assimilação), do estilo de vida *dândi* (exclusão) ou do estilo de vida *camaleão* (admissão), sendo a sua estratégia identitária social na relação Eu-Outro muito mais próxima do estilo *urso* (segregação). Isso por duas razões: (i) não buscam inserção social, e, portanto, a sua *conjunção* não é com a sociedade (que é o que define os estilos do *esnobe* e do *dândi*), mas a sua *conjunção* é com ideias; (ii) não podem se esconder (que é o que define o estilo do *camaleão*), pois suas ideias são públicas⁸².

Não por outro motivo, formam-se *estereótipos sociais* acerca dos intelectuais, pelo *estranhamento* gerado por este grupo de indivíduos que *vive à parte* e *fala outra língua*. Se os(as) intelectuais possuem um *estilo de vida*, enquanto programa atualizado de vida⁸³ relativamente coeso, os *estereótipos acerca dos intelectuais* variam muito e podem apontar para diversas caricaturas, que chegam até mesmo próximo do burlesco, entre as quais se podem apontar: (i) o *gênio* (suplanta o seu tempo); (ii) o(a) *lunático(a)* (habita a fantasia); (iii) o(a) *louco(a)* (perdeu o juízo); (iv) o(a) *vagabundo(a)* (não trabalha); (v) o(a) *militante* (luta por sua causa); (vi) o(a) *fanático(a)* (obcecado por uma ideia); (vii) o(a) *utópico(a)* (luta por outro mundo); (viii) o(a) *mediático(a)* (gosta de exposição). Essas diversas caricaturas podem estar em circulação, ao mesmo tempo, servindo para atacar, elogiar ou distorcer o campo do “inimigo”, assim que essas condições forem necessárias de se mobilizar, no contexto de uma contenda qualquer. Logo, a imagem de um(a) filósofo(a) pode ser construída como um(a) liderança genial e, rapidamente, degenerar-se para a de um fanático inescrupuloso, a depender dos interesses, das disputas e dos contextos em jogo.

3.2 A oficina das ideias, a dimensão simbólica e a paratopia

O(A) filósofo(a) não tem um acesso privilegiado ao *sentido*. Essa é uma sentença que pode ser escrita a reboque de outra afirmação formulada por Jürgen Habermas: “O filósofo da moral não dispõe de um acesso privilegiado às verdades morais”⁸⁴. A partir daí, pode-se extrair que, para ele(a), o estado de *procura do sentido filosófico* impõe uma retração da vida social, que envolve também uma suspensão do *sentido convencional*. Assim, ao se fechar à vida exterior, como bem detecta Maurice Merleau-Ponty⁸⁵ acaba por se abrir para a

⁸¹ “Porque, mesmo que todo mundo seja em princípio sujeito do mesmo modo, cada um se apresenta na realidade, tanto para outrem como para si mesmo, como pertencente a ‘sua’ categoria sócio-profissional, a ‘seu’ meio étnico ou cultural, a ‘seu’ grupo linguístico ou confessional [...]” (LANDOWSKI, 2012, p. 32).

⁸² Cf. Landowski (2012, p. 50).

⁸³ Cf. Landowski (2012, p. 42).

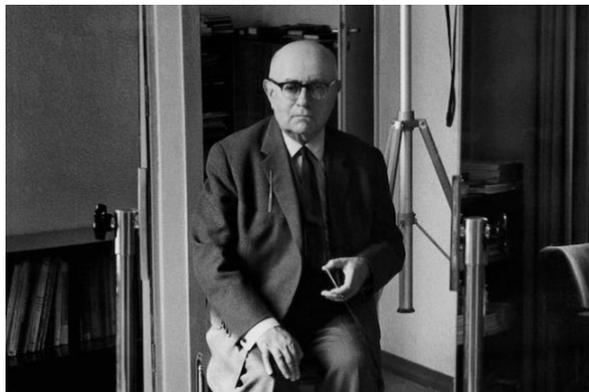
⁸⁴ Cf. Habermas (1999, p. 31).

⁸⁵ “Mas, na realidade, esse pretenso silêncio é sussurrante de falas, esta vida interior é uma linguagem interior” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 249).

vida interior, a partir de quando o(a) filósofo(a) passa a desenvolver maior intimidade com a *linguagem interior*, num diálogo de si para consigo mesmo. O ato de fechamento para a vida exterior, enquanto instaura um estado de procura, constrói-se na base da *falta*. A heresia contida nessa transposição, em termos sociais, dá-se por instaurar a *dúvida* onde só havia *certeza*, o que o(a) leva a uma vida errante (vida outra), entre vida interior e vida exterior, nesse estado de *entre-deux*⁸⁶.

Assim, antes de banalizar a palavra, passa a habitar o seu mundo, fazendo-se a si mesmo na relação de conjunção com a *palavra pensada*, tornando-a a oficina a partir da qual reelabora a experiência de mundo, à procura da *sabedoria mundana* (*weltweisheit*). O fascínio pela palavra, pela descoberta, pelo conceito, lança-o(a) nesta corrente de associações e de encadeamento de ideias entre si, deslocando-o(a) para esta *paratopia* (*paratopie*)⁸⁷, uma paradoxal condição de presença/ausência que o(a) desloca em definitivo da vida ordinária. É dessa forma que o(a) filósofo(a) é aspirado pela *vida simbólica*. Dali, o(a) filósofo(a) haverá de extrair a *palavra enunciada* que assumirá, publicamente, esse *lugar discursivo*, que preencherá o vazio de sua ausência como pessoa. Portador(a) da palavra, o(a) filósofo(a) retorna da *oficina de ideias*, para ressemantizar a experiência vivida. A figura abaixo expressa, a partir de um auto-retrato de Theodor Adorno, esse lugar habitado pelo(a) filósofo(a), na relação especular de si para consigo mesmo:

Figura 4: Auto-retrato fotográfico de Theodor W. Adorno.



Fonte: Moses (1963).

3.3 A oficina das ideias, o gabinete de trabalho e a sociedade dos objetos

A *oficina de ideias* acompanha o(a) filósofo(a) da mesma forma como a mente acompanha o corpo. A *paratopia* mantém o(a) filósofo(a) cativo da

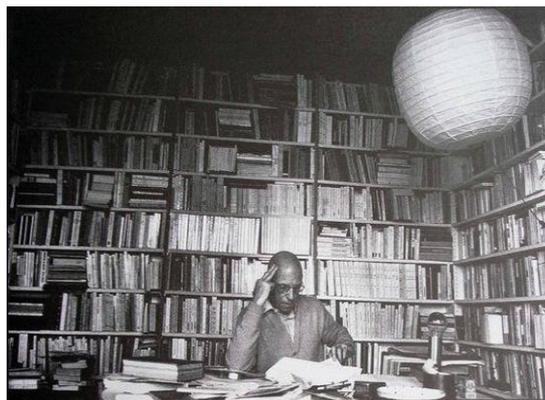
⁸⁶ Cf. Maingueneau (1995, p. 44).

⁸⁷ Cf. Maingueneau (1995, p. 48).

dimensão simbólica. Mas, o gabinete de trabalho situa-o num espaço e num tempo, dando-lhe lugar para ancorar as *práticas de escrita*. Na medida em que o(a) filósofo(a) se faz escritor(a), o *bureau* passa a moldar as suas práticas, a partir das necessidades impostas pela modalidade do trabalho intelectual. É nessa medida que o *bureau* torna o *fazer-saber* uma *oficina concreta*, de modo que a distância que o seu *fazer* requer irá lhe impor uma posição irreconciliável com o mundo⁸⁸. Assim, o *bureau* do(a) intelectual é o equivalente do *ateliê* do(a) artista(a). O *bureau* pode funcionar como: (i) *bunker*, oferecendo a proteção contra a derrisão da memória; (ii) *caserna*, de onde dispara textos como balas na luta por uma causa; (iii) *torre*, de onde se faz sentinela da razão; (iv) *refúgio*, de cujo isolamento social nascem as ideias; (v) *chostro*, ou ainda, lugar de recolhimento, conexão reflexiva e concentração requeridos pelo ofício.

É no gabinete de trabalho que, enquanto exercício de encontro ritual com a palavra, o *ato de escrita* (*acte d'écriture*) será executado como profissão de fé. Ali, tudo está disposto de modo a favorecer esse exercício: a caneta está sobre a mesa, o bloco de notas está em posição aberta e a mesa está repleta de livros. Assim, percebe-se que, no entorno do(a) filósofo(a) se forma uma *sociedade de objetos*⁸⁹. Isso se deve ao fato de que o(a) filósofo(a), enquanto intelectual, de um grande universo de múltiplos objetos selecionados do mundo, elege apenas alguns como sendo colaborativos do seu *fazer-saber* filosófico. Nesse diálogo com um mundo objetal⁹⁰, a *sociedade dos objetos* oferece o suporte material para a longínqua tarefa imposta pela *oficina de ideias*. A imagem abaixo, de Michel Foucault em seu gabinete de trabalho, circundado pelos materiais de pesquisa, é uma clara visão da vida do intelectual no exercício das tarefas do pensamento:

Figura 5: Michel Foucault trabalhando em sua biblioteca pessoal.



Fonte: Monès (1984).

⁸⁸ “Atrás da escrivaninha havia uma grande e sólida estante com centenas de livros, que ele consultava enquanto escrevia o que quer que fosse” (WAGNER, 2020, p. 427).

⁸⁹ Cf. Fontanille (2017, p. 212).

⁹⁰ Cf. Merleau-Ponty (2018, p. 429).

3.4 O ato de escrita, os objetos de escrita e a sociedade dos objetos

Aqui, evidencia-se a tarefa de compreender que o *ato de escrita* (*acte d'écriture*) não é um ato dissociado de uma *sociedade dos objetos* que apoia e suporta a escrita. A escrivaninha *sheriff*, a biblioteca ao fundo e a caneta (máquina de escrever ou computador)⁹¹ a postos para o *acte d'écriture* são os dispositivos que tornam possível que uma determinada *interface* (papel, programa, plataforma) receba um conteúdo escrito⁹². O *habitat* do(a) intelectual se reveste desta qualidade de ser um *lugar* favorável ao pensamento e, por isso, está cercado por: livros; blocos de notas; arquivos; canetas; máquina de escrever; computador; cachimbo. Isso não depende da modalidade do(a) intelectual, porque simplesmente vai do(a) filósofo(a) ao(à) jornalista, e do(a) literato(a) ao(à) historiador(a), a exemplo de Eric Hobsbawm⁹³. Ainda, a depender de pessoa a pessoa, a lista poderia se alongar.

A *sociedade dos objetos* funciona como uma fronteira; ela estabelece a possibilidade de entrar e sair, de trafegar, de se enfadar e abandonar o lugar; afinal o lugar do saber (*savoir*) está em deslocamento contínuo, no fluxo em direção à sabedoria (*sagesse*). Isso faz perceber que o(a) filósofo(a) se cerca de *objetos intelectuais*. Estes não são apenas os utensílios necessários à *prática intelectual*; eles formam um círculo de invocações recíprocas que inspiram, favorecem e apoiam o *exercício paratópico* da vida intelectual. Por isso, a *sociedade dos objetos* suporta a possibilidade da vida simbólica do(a) filósofo(a). Alguns desses objetos são tão comuns ao universo do(a) intelectual que, por vezes, são tomados como *símbolos* da vida simbólica e intelectual. São exemplos a pena, o livro, os óculos, a coruja, o papel⁹⁴, a ampulheta, o globo, os arquivos, as edições em couro, na medida em que se tornaram *coadjuvantes* obrigatórios da cena de produção do pensamento filosófico e das ciências.

No lugar reservado do *bureau*, cujo destino e cuja função são o *ato de escrita* (*acte d'écriture*) — requerendo-se ali, exatamente por isso, a presença de *objetos de escrita* (*objets d'écriture*)⁹⁵ —, o(a) filósofo(a) realiza a sua tarefa principal de escrita do pensamento. Esses objetos se alocam e se distribuem, num mesmo espaço, em função de uma codificação que lhes é atribuída pelo(a) filósofo(a). A caneta se encontra perto da máquina de escrever, o computador está com a tela acesa e os óculos estão próximos de uma pilha de livros de leitura pendente. Os papéis se encontram sobre a mesa, ao aguardo da tinta, disputando espaço com arquivos, caixas e anotações. A fotografia abaixo, do filósofo e

⁹¹ Cf. Cossutta; Maingueneau (2019, p. 10).

⁹² Cf. Jeanneret (2007, p. 82).

⁹³ “Todas as superfícies de todos os cômodos da casa da Nassington Road eram forradas de livros, onde Eric ‘pastava’ quando passava, segundo se lembra Julia” (EVANS, 2021, p. 390).

⁹⁴ “*Le papier est par exemple l'incarnation par excellence du travail de la pensée.*” / “O papel é, por exemplo, a personificação por excelência da obra do pensamento” (JEANNERET, 2007, p. 83, tradução nossa).

⁹⁵ Cf. Zinna (2016, p. 357).

sociólogo judeu polonês Zygmunt Bauman em seu escritório, deixa esse exato testemunho acerca do *momentum*⁹⁶:

Figura 6: Zygmunt Bauman, em seu escritório.



Fonte: CRB6 (2017).

Em diálogo com os objetos do entorno, o(a) intelectual tem nos livros a sua companhia necessária e ideal. De todos os objetos que o(a) circundam, o livro — esse objeto dotado de estrutura bifacial, entre *suporte* (*support*) e *escritura* (*écriture*), levando-se em conta a leitura de Alessandro Zinna⁹⁷ — é o objeto predominante por duas razões: (i) todo livro é um mecanismo de diálogo tácito com o pensamento proveniente das tradições filosóficas precedentes; (ii) todo o pensamento buscará no livro o seu destino-túmulo⁹⁸. Ao pular de livro em livro, o(a) intelectual faz deles *objetos intelectuais* assinados por uma relação de aproximações e desaproximações, numa inteira, árdua e compartilhada *vida do sentido*. Assim, para o(a) intelectual, os livros assumem um lugar de destaque — como se pode destacar da análise de Dominique Maingueneau, a filosofia ocidental se tornou uma filosofia do livro (*philosophie du livre*)⁹⁹ —, normalmente revelado pela reunião de imensas bibliotecas particulares, com os quais lida não como se fossem meros objetos — agora, tornados objetos metamorfoseados¹⁰⁰ —, mas como se fossem verdadeiros companheiros solidários do trabalho intelectual; do papiro ao pergaminho, deste ao livro da imprensa moderna, e deste ao livro digital, o(a) intelectual deles necessita como o apoio indispensável à jornada do esclarecimento. O livro, de modo geral, mas o livro de filosofia, de modo particular, é admirado, reputado, discutido, divulgado, distribuído, tanto quanto é perseguido, difamado, ocultado e, o que é pior, por

⁹⁶ Cf. Wagner (2020, p. 356).

⁹⁷ Cf. Zinna (2016, p. 351).

⁹⁸ “O livro dá consistência à memória humana” (BÁEZ, 2006, p. 24).

⁹⁹ Cf. Maingueneau (1995, p. 51).

¹⁰⁰ Cf. Perusset (2020, p. 5).

vezes, até mesmo destruído, como fruto da intolerância, enquanto alvo de expurgos¹⁰¹.

Conclusões

Através de uma abordagem que valoriza o lugar do discurso, numa relação construtiva entre *semiótica* e *filosofia*, o discurso filosófico é abordado para ser tomado enquanto *instituição discursiva* (*institution discursive*). O *texto filosófico* é assumido como um *laboratório de ideias* (*laboratoire de pensées*), pois em seu interior há uma fusão de linguagem e pensamento. A inquietação filosófica faz o seu encontro com o mundo do *sentido*, e é nisso que se encontra uma singular conexão de interesses entre a *semiótica* e a *filosofia*, mediada pela importância dos estudos sobre a *linguagem* e o *discurso*. Assim é que, ao longo da análise do artigo, o pensamento é visto e discutido enquanto *palavra pensada*, na medida da relação de intimidade que a linguagem e o pensamento têm entre si. Não importa a tradição filosófica, ou ainda, a linha de pensamento, a palavra é sempre tomada como um ponto em comum de todas as filosofias. Na história da filosofia, os sistemas filosóficos se valem de sistemas linguísticos para, através do uso, produzirem a *fala filosófica* (*parole*), proveniente da *língua* (*langue*). Na passagem da *palavra* à *palavra pensada*, processa-se uma conversão e uma terminologização que provocam um deslocamento do *sentido convencional* ao *sentido filosófico*.

Ao deslocar o *sentido*, o discurso filosófico assume o lugar de um *discurso constituinte* (*discours constituant*), pois fecunda-o de forma a agregar-lhe (i) *potência*, (ii) *peso* e (iii) *pertencimento*. O discurso filosófico se constrói com base em *conceitos filosóficos* que assumem o papel de *operadores de generalização* (*opérateurs de généralisation*). Muitas vezes, o que singularizará a autonomia de um determinado sistema filosófico será o conceito inovador por ele abrigado, que se torna um *símbolo* dessa tradição filosófica, no interior da história da filosofia. Por isso, todo sistema filosófico é avaliado por seu pertencimento a uma *totalidade imaginária* — a *enceinte philosophique* —, sabendo-se que depende do *texto* para preservar a ideia e gerar a sobrevida à perecível existência do(a) filósofo(a). A enorme diversidade de autores(as) que compõem o *Thesaurus* permite constatar a riqueza do *arquivo filosófico* (*archive philosophique*) da humanidade. Porém, uma obra filosófica somente adquire o tônus de *documento filosófico* ao marcar uma época histórica de forma indelével.

Nenhuma doutrina filosófica pode prescindir da palavra como exercício do ato de constituição de seu *corpus*. Por isso, o *ato de escrita* (*acte d'écriture*) tem decisiva importância na arquitetura interna de uma doutrina filosófica. O

¹⁰¹ “Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de uma cultura inteira” (BÁEZ, 2006, p. 24).

universo da escrita é, por isso, parte própria da vida intelectual dos(as) filósofos(as), que exercem o *ato de pensamento (acte de pensée)* em conexão com o *ato de escrita (acte d'écriture)*. O discurso filosófico se dirige ao auditório universal e se constitui no *interdiscurso*, sabendo-se que se estabelece no controverso espaço de uma *comunidade discursiva (communauté discursive)*. O *ato de escrita (acte d'écriture)* é exercido para a afirmação de uma doutrina filosófica, mas, também, pode ser movimentado com a finalidade de exercer o *discurso adversativo (discours adversatif)*, em função da necessidade de assumir *posicionamentos (positionnements)*.

Ao se dedicar a um percurso de *descoberta*, o(a) filósofo(a) *des-abita o mundo da vida* para *habitar* o mundo do *sentido filosófico*, passando a *re-abitar* aquele pela via da renovação do *sentido convencional*, agora transformado em *sentido filosófico*. Assim, na medida em que se desloca para uma vida em *paratopia (paratopie)*, abre-se um divórcio entre a forma de vida intelectual e a forma de vida ordinária, fenômeno que permite a formação de *estereótipos sociais*. Em compensação, o gabinete de trabalho permite ancorar as *práticas da escrita*, que situam o(a) filósofo(a) no mundo, oferecendo-lhe o suporte para as atividades intelectuais, ladeado(a) e irmanado(a) por uma *sociedade dos objetos* que suporta a atividade da escrita, ou seja, por um seletivo grupo de *objetos intelectuais*. A partilha de um espaço especulativo, povoado por livros, entre outros objetos, permite e favorece o cultivo das ideias no diálogo estabelecido com as tradições filosóficas passadas e presentes, num contínuo fluxo de renovação dos horizontes do conhecimento. ●

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AIME, Gérard. *Jean-Paul Sartre et Michel Foucault manifestant après l'assassinat de Djilali Ben Ali*. 1971. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.gettyimages.ie/detail/news-photo/jean-paul-sartre-et-andre-gluksmann-a-une-manifestation-news-photo/954000600?adppopup=true>. Acesso em: 8 de mar. 2022.

BADIR, Sémir. Sémiotique de la connaissance. *Signata* [on-line], n. 1, 2010, p. 239-253. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/signata.305>. Acesso em: 18 de fev. 2022.

BADIR, Sémir; LEMOS, Carolina Lindenberg. Sémiotique et épistémologie : des conditions d'un dialogue. *Estudos Semióticos* [on-line], v. 16, n. 3. Dossiê temático: "Semiótica e Epistemologia". São Paulo, dezembro de 2020. p. 1-22. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.178519>. Acesso em: 18 de fev. 2022.

BADIR, Sémir. Le philosophe dans son atelier. *Actes Sémiotiques* [on-line], n. 125, 2021, p. 1-3. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/7113>. Acesso em: 18 de fev. 2022.

- BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris : Seuil, 1972.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris : Seuil, 1957.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- BEIVIDAS, Waldir. *Epistemologia discursiva: a semiologia de Saussure e a semiótica de Greimas como terceira via do conhecimento*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/522>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- BETTMANN, Archive. Radical political activist Angela Davis speaks at a street rally in Raleigh. 1974. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.au/detail/news-photo/radical-political-activist-angela-davis-speaks-at-a-street-news-photo/515350398?adppopup=true>. Acesso em: 8 de mar. 2022.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1997.
- BORDRON, Jean-François. Concept et narrativité. In : PARRET, Herman; RUPRECHT, Hans-George (dir.). *Exigences et perspectives de la Sémiotique : recueil d'hommage à A. J. Greimas*. Philadelphia : John Benjamins, 1985. p. 3-6.
- BORDRON, Jean-François. Le discours spéculatif. *Signata* [on-line], n. 2, 2011, p. 13-47. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/signata.519>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- BORDRON, Jean-François. Génèse d'un concept. Logique symbolique et logique iconique. In : COSSUTTA, Frédéric (org.). *Les concepts en philosophie : une approche discursive*. Limoges : Lambert-Lucas, 2020, p. 81-96.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHATEAU, Dominique. La sémiotique, partenaire indispensable de la philosophie. *La sémiotique et son autre*, n. 103, 2019, p. 103-111. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/handle/10993/39385>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido: a linguagem em questão*. Trad. Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- COSSUTTA, Frédéric; MAINGUENEAU, Dominique. L'analyse des discours constituants. *Langages*, n. 117, 1995, p. 112-125. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_117_1709?q=L%27analyse+des+discours+constituants. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- COSSUTTA, Frédéric; MAINGUENEAU, Dominique. L'analyse du discours philosophique : bilan et perspective. *Argumentation & Analyse du Discours* [on-line], n. 22, 2019, p. 2-18. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aad.2981>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- COSSUTTA, Frédéric. Questions de méthode. Comment aborder la conceptualisation philosophique d'un point de vue discursif. In : COSSUTTA, Frédéric (dir.). *Les concepts en philosophie : une approche discursive*. Limoges : Lambert-Lucas, 2020, p. 15-39.

- CRB6. *Zygmunt Bauman em seu escritório*. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <http://blog.crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/morre-o-sociologo-e-filosofo-zygmunt-bauman/>. Acesso em: 8 de mar. 2022.
- DOSSE, François. *A saga dos intelectuais franceses (1944-1989)*. Volume 1. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.
- EVANS, Richard John. *Eric Hobsbawm: uma vida na história*. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Planeta, 2021.
- FIORIN, José Luiz. Semântica estrutural. In: BEVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã; BADIR, Sémir (org.). *Cem anos com Saussure: textos de Congresso Internacional*. Tomo I. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2016a. p. 209-226.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016b.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, Jacques. *Corpo e sentido*. Trad. Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: EDUEL, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien ; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique : dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. A filosofia como guardador de lugar e como intérprete. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 17-35.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. Ana Maria Bernardo *et al*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. *Comentários à ética do discurso*. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- JEANNERET, Yves. Les semblants du papier : l'investissement des objets comme travail de la mémoire sémiotique. *Communication & Langages*, n. 153, 2007, p. 79-94. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2007_num_153_1_4676. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. Entre dépendance et autonomie. Pour une définition de l'écriture dans les sciences du langage et du sens. *Signata* [on-line], n. 9, 2018, p. 103-129. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/signata.1780>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- LANDOWSKI, Eric. Une sémiotique à refaire ? *Galáxia* [on-line], n. 26, 2013, p. 10-33. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/drLgrSp3NyJGQsL5mFF6RWv/>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios sociossemióticos*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

- LHOMME, Alain. Analyse du discours et analyse textuelle. *Argumentation & Analyse du Discours* [on-line], n. 22, 2019, p. 102-120. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aad.3254>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. L'énonciation philosophique comme institution discursive. *Langages*, n. 119, 1995, p. 40-62. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23906718>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. Trouver sa place dans l'enceinte philosophique : penseurs, gestionnaires, passeurs. *Argumentation & Analyse du Discours* [on-line], n. 22, 2019, p. 35-50. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aad.3110>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. Cartographie philosophique et extraction de concepts. In : COSSUTTA, Frédéric (dir.). *Les concepts en philosophie : une approche discursive*. Limoges : Lambert-Lucas, 2020. p. 201-217.
- MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Trad. José Arthur Giannotti. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- MONÈS, Bruno de. *Michel Foucault em seu escritório*. 1984. 1 fotografia. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/foucault-as-confissoes-da-carne-2/>. Acesso em: 8 de mar. 2022.
- MOSES, Stefan. *Autorretrato de Theodor W. Adorno*. 1963. 1 fotografia. Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-7ylilleqhE0/XNDj4HciqJI/AAAAAAAAefw/XImOBe57ceQFXyfud-TyAJCzpELOouZigCLcBGAs/s1600/adorno-theodor-1963.jpg>. Acesso em: 8 de mar. 2022.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- PERUSSET, Alain. Les métamorphoses de l'objet : aperçu d'une sémiotique des corps-actants. *Actes Sémiotiques* [on-line], n. 123, 2020. p. 1-21. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6507>. Acesso em: 18 de fev. 2022.
- PETERS, Francis Edward. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Trad. Beatriz Rodriguez Barbosa. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris : Payot, 1994.
- WAGNER, Izabela. *Bauman: uma biografia*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2020.
- ZINNA, Alessandro. L'interface : un espace de médiation entre support et écriture. In : BERTRAND, Denis *et al.* (dir.). *Sens et médiations*. Actes du Congrès de l'Association Française de Sémiotique. Luxemburgo : AFS, 2016. p. 351-362.

☐ Semiotics of the philosophical discourse: the thought word, the act of writing and the meaning

👤 BITTAR, Eduardo Carlos Bianca

Abstract: This article develops, from the perspective of French semiotics, an analysis of the philosophical discourse, identifying in the *philosophical text a laboratory of ideas*. The article highlights the theoretical perspective opened by *analyse du discours*, without dispensing with the contributions arising from the *semiotics of knowledge*, the *semiotics of objects* and *sociosemiotics*. Thought is seen and discussed, throughout the analysis, as a *thought word*, insofar as the intimate relationship that language and thought have with each other. No matter the tradition or line of thought, the word is a common point of philosophical systems, as it allows for the conversion of the conventional meaning to the philosophical meaning. *Philosophical discourse* is also analyzed for being a *discours constituant*, exercised on the basis of an *enunciation*, which operates generalizations through concepts, seeking the *effect of truth*. The *act of thinking* is not separate from the act of writing, and both are inscribed within a *discursive community*, *polemic games* and social *stereotypes* about intellectual life.

Keywords: semiotics; philosophical discourse; philosophical meaning; act of thought; act of writing.

Como citar este artigo

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Semiótica do discurso filosófico: a palavra pensada, o ato de escrita e o sentido. *Estudos Semióticos* [online], volume 18, número 1. São Paulo, abril de 2022. p. 37-63. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Semiótica do discurso filosófico: a palavra pensada, o ato de escrita e o sentido. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18. 1. São Paulo, April 2022. p. 37-63. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 07/02/2022.

Data de aprovação do artigo: 22/02/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

